



▼ Capítulo 2

A GEOFILOSOFIA DOS CONCEITOS VIVOS: ROBERTO ESPOSITO E AS DIMENSÕES DO PENSAMENTO ITALIANO

William Costa

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/filo02>

VOLTAR AO SUMÁRIO

Introdução

A Filosofia é essencialmente grega em seu nascimento. Essa é uma afirmação importante, mas também uma sentença problemática no campo das correntes de pensamento e na dimensão dos argumentos daqueles que, contrariamente a isso, afirmam que a Filosofia é diaspórica já em sua origem. Parece-nos ser com a exposição desse fio conceitual que Heidegger, ao se questionar sobre o que é a Filosofia, encontra na própria essência da palavra e do ato filosófico o mundo grego. “A Filosofia é grega em sua essência” porque, tomando o mundo grego como ponto de partida, pôde desenvolver-se e alastrar-se pelo mundo sob uma relação contundente do pensamento assumido de um ponto inicial, de uma tensão (HEIDEGGER, 1966, p. 6-7). Concentrada ali, no limiar e na divisa com as primeiras ciências, a Filosofia brota da marcha mais íntima da história. Ela não é, por sua vez, a própria história, mas, sim, o caminho historial que carrega nosso destino como uma polarização sobre o que nos engendra enquanto é (HEIDEGGER, 1966).

A leitura fecunda de Heidegger sobre a Filosofia, sua origem e sua relação genética com as razões e as causas, enuncia o sentido pelo qual ela se apresenta como um saber àquilo que só pode ser obtido filosofando sobre aquilo que é. Difícil certamente é tentar encontrar uma solução simples para responder à questão: o que é isto ou aquilo? Isto ou aquilo pode ocupar diversas definições, a depender do ponto de partida, dos meios de observação e das propostas que se articulam a partir de então. Mas o ato filosófico persiste nesse caminho: perfilar nas entranhas da questão um movimento sistemático para arrancar as escamas do problema, no intuito de coletar os conceitos que dinamizam o debate. Deleuze e Guattari seguiram Heidegger nessa definição. De maneira semelhante, pelo menos em relação ao título – *O que é a Filosofia?* –, os pensadores franceses lançaram argumentos essenciais para dar liga às respostas da questão que dá título às suas obras. No entanto, em oposição, Heidegger, Deleuze e Guattari imprimiram na problematização do conceito uma certa identidade para a Filosofia. Assim, de maneira simplória, para sintetizarmos a rica definição dos pensadores franceses, a Filosofia apresenta-se como um saber problematizador dos conceitos. Nômade e diaspórica,

ela assume o tônio de investigar os conceitos a partir de ondas geofilosóficas. A geofilosofia é o movimento segundo o qual a Filosofia não assume o limite territorial para estagnar um conceito; ela toma o território como um espaço de trânsito, de circulação e meandro para o ato do pensamento, que não se limite ao espaço físico ou ao tempo cronológico.

As duas inserções, tanto de Heidegger quanto de Deleuze e Guattari, são importantes para introduzir o debate de Roberto Esposito. Assumir a Filosofia como uma matriz sólida parece ser também a via encontrada pelo pensador italiano para introduzir seu debate. Mas não apenas com esse movimento, que está ao mesmo tempo consciente da gênese da Filosofia, como também da proliferação que o ato filosófico conduziu a humanidade e também foi conduzido, Esposito observa como a geofilosofia construiu marcas e demarcou características ao longo de seu desenvolvimento. Chama-nos a atenção o pensador para o fato de, pelo menos em uma visão geral, as correntes alemã, francesa e anglo-saxã terem sido as mais sistematizadas e expandidas no mundo. Cada uma com características próprias que permitem certas identidades em relação aos problemas e conceitos de análise e, também, que estacam métodos de pesquisa e reflexão. Essas três linhas filosóficas, que vez ou outra assumem o sintagma de Filosofias (Filosofia alemã, francesa, anglo-saxã), produzem um limiar de realce entre a Filosofia e as formas de seu pensamento. Consciente disso, o pensador italiano, que abdica da identidade territorial como símbolo de *uma* Filosofia, e, portanto, da aceção de que ela pode ser alemã, francesa ou anglo-saxã, parece extrair das lições dos filósofos que antes abordamos um meio sólido para expor como a Filosofia é essencialmente uma, mas condicionadamente caracterizada por correntes de pensamento.

O pensamento, ou melhor, os diversos pensamentos produzem um jogo interacional consigo mesmo, com outros pensamentos e com a própria Filosofia. Sua geomovimentação é colocada à guisa da problematização conceitual que extrapola o território; porém, nas miudezas e nas grandezas, interseccionam características peculiares. Esposito percebe, desse modo, que a Filosofia é uma fonte preenchida por pensamentos, atos e energia cognitiva em derredor daquilo que é enquanto tal. Por isso, seu olhar crítico

sobre as linhas alemã, francesa e anglo-saxã, que, segundo ele, insistem na denominação de serem Filosofias, conduz seus estudos em uma dimensão apartada da tentativa de mostrar como as reflexões produzidas na Itália podem assumir, também, a face de uma Filosofia italiana. Sem querer assumir essa definição, Esposito prefere colocar em marcha uma investigação sobre a característica do pensamento italiano. Pensar a Itália, seu país de origem e seu espaço genético do ato de filosofar, possibilita ao pensador aperceber marcas desconhecidas do exercício de autores, dos conceitos, dos meios e da profundidade que o debate possui.

Em função dessa dimensão muitas vezes esquecida e oculta do pensamento, pretendemos, neste capítulo, analisar as características italianas, tendendo-nos à tentativa de indicar uma possível definição ou marcas para a referência das reflexões desenvolvidas por aqueles que assumem direta ou indiretamente o pensamento ítalo como uma dimensão filosófica. Para cumprir nosso objetivo, este trabalho sistematiza um movimento duplo: de um lado, extraindo de Deleuze e Guattari a essência da geofilosofia, temos como intuito expor de que modo Esposito identifica o debate italiano ao longo de sua historicidade; de outro lado, inserindo-nos no exame do pensamento italiano, buscamos compreender quais características o pensador elenca como possíveis marcas atribuídas para engendrar sua tese.

Por onde nos conduz a geofilosofia do pensamento italiano?

O que se pode entender por geofilosofia? Se olharmos essa questão bem de perto, poderíamos conduzir nossa resposta, naquela mais imediata e simples possível, a uma sintética fórmula: a geofilosofia é um movimento de demarcação territorial articulado com o pensamento filosófico. Mas se tomarmos certa distância dessa primeira e ingênua fórmula, podemos ser conduzidos a uma tensão maior localizada na dobra interna que une enquanto separa ou separa enquanto une as duas raízes semânticas. Esse solo de discussão é certamente o plano da imanência que Deleuze e Guattari enxergaram ao colocar o fato da experiência do pensamento em um movimento

de exocoexistência. Deleuze e Guattari, que partem de uma interrogação semelhante à qual lançamos, mas que miram na Filosofia como o núcleo de suas interrogações, coletam na própria raiz grega uma geografia da Filosofia. Uma geografia da Filosofia, em vez de uma História da Filosofia no sentido dogmático do termo, não deixa transparecer aquilo que, apenas no avançar do pensamento dos autores franceses, poder-se-á compreender: a Filosofia é uma prática de criação de conceitos e, irremediavelmente, na medida em que cria, assina neles próprios uma dimensão territorial que se desterritorializa no espaço.

Ora, apesar de datados, assinados e batizados, os conceitos têm sua maneira de não morrer, e todavia são submetidos a exigências de renovação, de substituição, de mutação, que dão à filosofia uma história e também uma geografia agitadas, das quais cada momento, cada lugar, se conservam, mas no tempo, e passam, mas fora do tempo.¹ (DELEUZE; GUATTARI, 1991, p. 13).

Nesse plano geográfico, a Filosofia traça, no plano da imanência, os conceitos e os problematiza, estirando a ponta do pensamento para conexões sempre crescentes. Através do espaço, a Filosofia circunscreve-se na produção e na mutação dos conceitos, que se dão na relação entre o território e a terra e, por meio deles ou em torno deles, constituem uma zona indiscernível em que o território se move em direção à terra e a terra reverte esse processo ao território (DELEUZE; GUATTARI, 1991). Desterritorialização (do território à terra) e reterritorialização (da terra ao território) esboçam, no campo conceitual, tensões críticas que possibilitam, ao mesmo tempo, uma relação circular no tempo e no espaço com a Filosofia e com a geografia. A Filosofia cria os conceitos a partir de sua solidez geográfica, mas os tomando como os objetos fecundos daquilo que a ela cabe problematizar; ela se per-

1 Para conferência com o original: *“Or, quoique datés, signés et baptisés, les concepts ont leur manière de ne pas mourir, et pourtant sont soumis à des contraintes de renouvellement, de remplacement, de mutation qui donnent à la philosophie une histoire et aussi une géographie agitées dont chaque moment, chaque lieu se conservent, mais dans le temps, et passent, mais en dehors du temps”.*

mite, em conjunto com o próprio conceito, avançar para além de um domínio territorial. À medida que marcha através de fluxos descontínuos, a Filosofia expande a dimensão do conceito e sobre ele problematiza sua própria problematização. Esse mesmo elo, porém, pode circular por uma dimensão oposta, ou seja, um conceito desterritorializado tem potência de retornar ao seu espaço de origem retendo uma perplexidade de outros sentidos.

Esse jogo geofilosófico manobra seus conceitos por meio de um plano transversal, desestabilizando aquele sentido mais dogmático da Filosofia, entendida a partir de sua sucessão histórica ao passo que imprime no movimento a força de seu ato filosófico. Essa oscilação é o prelúdio para a analogia de Roberto Esposito, que, em seu recorte horizontal, vai cotejar em Deleuze e Guattari o movimento geofilosófico para confrontá-lo com a perspectiva italiana. Na leitura de Esposito, a geofilosofia das correntes mais difundidas do pensamento filosófico, após sua constituição grega, contrasta as correntes alemã (primeiras décadas do século XX), francesa (entre os anos de 1960 e 1980) e anglo-saxã (últimos vinte anos do século XX). Em caminhos muitas vezes opostos e contrapostos, essas matrizes de pensamento aproximam a Filosofia alemã à francesa, no território europeu, e afastam-se, por questões de método ou afeição, da Filosofia anglo-saxã. A corrente italiana, por sua vez, permanece isolada na dimensão hierárquica que, aparentemente, é ressaltada. Distante das ramificações analíticas, como também das reflexões alemãs clássicas ou das mais modernas na forma da hermenêutica e da teoria crítica, mas sem se aproximar da corrente francesa que parece não conseguir ultrapassar o prestígio de Lyotard e Derrida, o pensamento italiano tem subtraído e reinventado em si mesmo zonas essenciais para a problematização de seus conceitos (ESPOSITO, 2010).

Todo o movimento filosófico, para dizer sobre aqueles mais contundentes, grafou na modernidade a verdadeira marca de seus matizes de reflexão. Nisso, as três escolas mais (re)conhecidas parecem regozijar de modo semelhante. Tanto a Filosofia alemã quanto a francesa, deixando de lado a Filosofia anglo-saxã entendida a partir de sua verve analítica, mas inserindo no lugar dela os saxões modernos (Bacon, Hobbes, Locke, Hume), cotejaram

na modernidade uma ruptura essencial para o fundamento de suas filosofias. Esse eixo dominador, circunscrito em um plano imanente vertical, construiu na modernidade uma fissura inconciliável com as correntes precedentes. Essa forma de Filosofia toma distância do exercício filosófico dos italianos. Se há algo rigorosamente filosófico na construção de uma teoria italiana é a maneira pela qual seus germes teóricos são conservados, embora constantemente atualizados, desde sua raiz mais profunda. Enquanto a cultura moderna, em suas plurais expressões, corta o nó do pensamento em sua extensão geofilosófica, os italianos parecem preservá-lo como uma tensão originária para o ato filosófico.

O primeiro vestígio de uma geofilosofia italiana deve ser compreendido nesses termos, ou melhor, deve ser compreendido pelo método próprio de cumprir seu ato, tensionando seus problemas e conceitos a partir de uma atualização, mas não de uma fratura irreconciliável. Nesse plano, a Filosofia italiana, em seu sentido geral, desenvolve um elo transcursor que interliga o passado e o presente sob um olhar sagital que articula política, história e vida (ESPOSITO, 2010). Esses três âmbitos envolvidos pelo caráter histórico e, sobretudo, pela dimensão atômica da compreensão daquilo que é Filosofia concedem lugar a paradigmas complexos destinados a marcar e a extrair de si toda sua extensão temporal e espacial. A Filosofia italiana, ao menos aquela a partir de e com Maquiavel, insurge confluindo na imanência os antagonismos existentes. Extraindo desse sentido a tentativa de levar-se a Filosofia ao teor mais crítico, o pensamento italiano opera por uma recorrente de “imanenti-zação do antagonismo” (ESPOSITO, 2010, p. 25). Pensar o antagonismo e sua ambiguidade no contexto imanente significa não desconsiderar aquilo que a ele opõe e, nessa aceitabilidade do oposto, introduzir a distensão no campo do argumento e do debate. Maquiavel, por exemplo, ao pensar as relações de poder e força na imanência política, toma como pressuposto aceitável o exercício do conflito no campo da ação. Sem querer superá-lo, como fazem Hobbes, Pufendorf e Rousseau, a diagonal crítica de Maquiavel opera na enervação do conflito. Que o conflito exista é inevitável, porém abnegá-lo, no intuito de construir uma dimensão pura, erradica a proporção original do problema filosófico. Os italianos mantêm esse exercício enquanto uma con-

fluência entre o plano da imanência e a lógica do conflito. Dentro e contra, isto é, interno ao teor do problema, o contrário pauta-se como um tópico da marca da Filosofia italiana, ao qual, nesse contexto, afigura-se no corpo político. Estar dentro significa estar colocado no solo do conflito e do conflito fazer o objeto da tensão e da extensão do debate.

Se essa marca é, digamos, aquela que inaugura, na modernidade, o filão do pensamento italiano, é preciso olhar adiante para capturar a esfera histórica da corrente itálica. Nesse segundo paradigma, cujo timbre perpassa pela “historização do não histórico” e que avança rapidamente de Maquiavel até Vico, a margem diferencial do pensamento histórico consiste exatamente em ofertar a ele aquilo que não pode ser resolvido ali naquele espaço de investigação (ESPOSITO, 2010, p. 27). A historização da Filosofia ou, dito antes, a Filosofia da história põe em colisão a incompatibilidade do não histórico com a própria história. Conforme Esposito, o movimento de Vico em sua *Scienza Nuova* advoga em uma tensão irreduzível da história em relação ao seu início e ao seu desenvolvimento. O hiato da história, atributo do contraste entre o sacro e o profano, desmantela a ordem cronológica da sucessão, dividindo a origem em duas polaridades não coincidentes. De todo modo, o importante a capturar desse curso é como a origem não se dissolve na história, como também a história não se reduz ao tempo (ESPOSITO, 2010). No fundo desse movimento, a divergência entre a presença ou a ausência da história reproduz um jogo irresoluto de temporalidade e secularização. Aquilo que faz a história avançar, mas também recuar, é o elemento opaco e intratável posicionado no seu ponto incerto de origem e de desenvolvimento.

Ao lado dos influxos políticos e históricos e de seus respectivos paradigmas, Esposito observa um terceiro: o da “mundanização do sujeito” (ESPOSITO, 2010, p. 30). Ainda que aqueles dois primeiros paradigmas revelem um enlace incidente sobre a vida, pondo-a em relevo na constituição do saber e na dimensão dos problemas de sua geofilosofia, este último é a expressão mais contundente sobre a posição da vida na trama italiana. À medida que os modernos franceses e alemães vão constituindo seus matices de pensamento em torno do *subiectum suppositum*, ou seja, daquele

sujeito aporético, que repousa em si mesmo e em sua estrutura constitutiva da subjetividade, a Filosofia anglo-saxã e a italiana vão se convertendo em caminhos divergentes: de um lado, os ingleses vão tomando com celeridade a epistemologia e a teoria da cognição e, de outro, os italianos vão traçando em torno da vida e de suas configurações o objeto de suas pesquisas. Em todo caso, aquilo que brota no Renascimento com o espólio do corpo como a unidade física e espiritual não se desenvolve sem ser colocado na esteira do direito romano, que consagra a noção de pessoa. O enlace em torno da vida, que se constrói de modo proeminente na transição da Roma pagã para a Roma cristã, faz com que, na modernidade, o Renascimento alcance a marca de uma mistura cósmica entre a política e a história e entre um mundo instaurado (como nota Flavio Biondo) e um universo expansivo (GARIN, 2012). Afastando-se da roupagem transcendental que se conjura tanto na Alemanha quanto na França, mas sem deixar de fazê-la quando necessário, a Filosofia italiana faz de sua modernidade uma contemplação da vida em uma esfera cruzada com a política e a história e também com as artes e a cultura. Possivelmente, esse é um dos argumentos que sustenta o fato de as discussões filosóficas na modernidade italiana se pautarem na vida integrante e não no polo individualista, como fazem as demais escolas. Mas acatando os julgamentos opostos, esse mesmo argumento serve como chave para endereçar a crítica de que a Filosofia italiana não alcançou a alvura da modernidade ou que ela se tenha desenvolvido por uma peculiaridade antimoderna (ESPOSITO, 2010). Sem querer resolver esse debate, mas não podendo fugir dele, as análises de Esposito se projetam em uma camada ulterior na modernidade e dela extraem como a dimensão italiana se organiza dentro de um espectro que pode ser tomado e assumido como precedente à própria modernidade.

A questão da vida, no entanto, realça um paradigma central nessa leitura. Pensar a mundanidade do sujeito só pode fazer sentido se os eixos político e histórico estiverem ao lado daquilo que se compreende por vida. O fato inquestionável é que desde o humanismo renascentista, daquele que atravessa de Petrarca e Boccaccio até Ficino, Pico della Mirandola, Bruno e Campanella, é como a Filosofia vai ser concebida sob a interlocução da vida.

Entre esses pensadores, porém, Giordano Bruno manteve a condição mais forte para defender a posição da vida, afirma Esposito. Pensando-a sob a força de um cosmo vivo sem centro nem limite, Bruno recusou-se a separar a alma e o corpo, o espírito e a natureza e o sujeito e o objeto, inserindo a subjetividade no processo de autogeração do mundo. Se Bruno gravou esse legado na história italiana, é possível que isso se tenha transformado em um paradigma essencial para se compreender o transcurso filosófico, que, na condição total, nunca foi atendido como uma modalidade indiferente. O pensamento italiano fez e faz desse relevo o espaço para uma verdadeira filosofia da vida.

Maquiavel, Vico e Bruno representam, respectivamente, os rastros dos três paradigmas da geofilosofia italiana, conforme Esposito. Essencial a ter como nota a isso é a peculiaridade do deslocamento das linhas de pensamento e de sua demarcação por objetos mais próprios da filosofia da práxis. Política, história e vida constituem irremediavelmente o plano geoestrutural do pensamento italiano, o qual, ao ser cotejado em tensão com outras correntes, expõe uma abertura própria e distinta daquelas que se alimentam pelo cerco da subjetividade em si, do Ser, da língua pura, das transitividades da linguagem e da posição estrutural das classes ou funções cognitivas. A geofilosofia italiana nos conduz, a partir disso, a um caminho sempre aberto, mas conexo, entre aqueles três matizes, e isso pode ser evidenciado seja com os pensadores mais clássicos (Tito Lucrécio e Marco Aurélio), seja com os pensadores mais contemporâneos (Negri, Virno, Agamben, Cacciari, Tronti, Bodei). Conforme Dario Gentili (2012b), a pulsão do pensamento, de sua geoexpansão endógena e exógena, vem constituindo, nos últimos anos, um reencontro do pensamento italiano com suas origens. Com esse teor, a constelação italiana parece, de modo heterogêneo, constituir, naquelas três dimensões explicitadas por Esposito, um núcleo em comum para o pensamento. O pensamento italiano, ou melhor, a sua geofilosofia costura a política, a história e a vida na dimensão do conflito, do caráter historicizante do não histórico e, por fim, da mundanização do sujeito.

Há de se perceber, para finalizar essa seção, que esses três campos convergentes do pensamento italiano têm sido atualizados desde a década de 1960. Se, por um lado, a geofilosofia contemporânea extraiu com Gramsci, Gentile, Croce e Volpe a enervação sobre o capital de Marx, por outro, continuando esse olhar fecundo, Tronti foi o primeiro pensador a preparar o terreno para uma possível atualização do antagonismo político na esteira filosófica (GENTILI, 2012b). A radicalidade dos *anni di piombo* (anos de chumbo), entre as décadas de 1960 a 1980, constitui uma abertura essencial para o ato filosófico. Após Tronti e sua leitura cruzada sobre Marx, Negri e Cacciari ocuparam a cena teórica, trazendo fôlego ao debate, constituindo-se como uma reinvenção da militância acadêmica (HARDT, 1996). Algo ainda ressoa na costura desse debate, a saber: o fôlego contundente dos pensadores italianos em examinar e assumir a biopolítica, a hipermodernidade e o secularismo como objetos carentes de atualizações e como conceitos preciosos para convergir política, história e vida. Esses conceitos vêm sendo problematizados sob a tensão de uma exposição tão densa quanto aquela inaugurada por Foucault e Carl Schmitt, de modo que o pensamento italiano, por causa de sua ocupação plural e heterogênea, tem permitido a atualização do debate.

Quais são as diferenças italianas?

A geofilosofia é um movimento que assinala e inscreve as erosões de onde brotam e se aquietam um debate. Ela mostra, assina, leva adiante, retroage, cria, recria e expõe territórios conceituais das mais diversas graduações. Enquanto percorre a dimensão espacial e a circularidade do tempo, a geofilosofia, como pensam Deleuze e Guattari, vai desterritorializando e reterritorializando os conceitos. O alvo permanece o mesmo: a problematização. O que está em jogo no geomovimento da Filosofia é a problematização do conceito com o intuito de examinar suas miudezas e grandezas. Esse fato, portanto, fala-nos sobre a geofilosofia, sobre seu conceito e sobre seu movimento, mas não pretende fazer dele o próprio instrumento para problematizar o conceito do que é a Filosofia. Seria oportuno infiltrarmo-nos nessa

discussão, porém, antes de avaliar o fio dessa história, é importante destacar que poderíamos ser fisgados por uma tentativa esponjosa de explicar aquilo que aqui não está em jogo, a saber: a existência ou não da Filosofia em uma demarcação territorial (Filosofia brasileira, Filosofia indiana, Filosofia africana, Filosofia alemã, Filosofia francesa).

Há reivindicações (legítimas) das mais diversas escolas para forjar a demarcação de pensamentos a partir de um marco (nação, povo, cultura, religião, etc.). Naquilo que se insere em nossa projeção, assumimos que o ponto de inflexão deva ser, talvez, um jogo entre a Filosofia e as filosofias ou as correntes de pensamento. Sabiamente, aqueles que reivindicam a produção de uma Filosofia nacional (certamente não apenas em razão do campo territorial), como a brasileira e a africana, por exemplo, valem-se de inúmeros pressupostos, dos quais um podemos coletar na sintética interrogação: por que não existir Filosofia brasileira ou africana se há demarcações históricas das Filosofias alemã, francesa e anglo-saxã? Essa questão é certamente essencial aos pesquisadores que se debruçam sobre respostas que surgem dela e sobre as diversas hipóteses que permitem evidenciar desde a tese do epistemicídio até a do preconceito radical. Mas em torno desse debate, ao menos neste que travamos para ir ao tecido daquilo que entendemos como pensamento e, por conseguinte, italiano, pensamos ser oportuno perguntar não o que é a Filosofia ou o pensamento italiano, mas quais são suas diferenças. Ou seja, o alvo do exame, o qual colocamos em questão, é uma tentativa de compreender as características da marca italiana em um plano geofilosófico. A Filosofia existe, e isso é um fato, mas é igualmente real o fato de que ela, na medida em que se desloca descontinuamente, deixa rastros daquilo que a torna peculiar e carrega tantos outros consigo por meio de um movimento nômade.

Ora, se essa dinâmica amplia o debate filosófico, fazendo-o permear dimensões territoriais das mais próximas e distantes possíveis, como também o faz povoar o espaço em um contexto que atravessa o tempo de maneira circular, é importante coletar, nesses rastros, as características que constituem identidade ao pensamento ou ao exercício filosófico. Em todo caso, aquilo que prefigura na pesquisa de Esposito volve-se em direção às

características do pensamento italiano. Se a Filosofia tem em sua vértebra a problematização do conceito, isso não a invalida de ter características singulares, marcas ou fissuras. Haveria, assim, que tensionar: quais são as características do pensamento italiano? Distante do germe alemão e de seu rigoroso método em ir ao fundo das discussões para pôr em evidência a marca do problema em uma dimensão transcendental quase imperceptível, mas sequer tendo como adjetivos o dogmatismo sério dos franceses ou o ceticismo analítico dos anglo-saxões, o pensamento italiano assume, como característica preliminar, a imanência cosmopolita. A reflexão italiana é sobretudo pautada em uma dimensão imanente. O argumento procede não excluindo a metafísica, mas a coligando à esfera da imanência. Se observarmos com cautela a propriedade italiana e a entropia de seu movimento, notaremos que toda fuga metafísica parece, ao término da investigação proposta, uma redenção com questões de cunho prático. Essa marca é ainda oportunizada com o contraste cosmopolita do pensamento. Sob uma esfera marcada por conceitos não apenas heterogêneos em relação às suas diferenças, mas repletos de cruzamentos geofilosóficos, a força italiana reproduz uma sistemática cosmopolita para pensar seus problemas e os problemas do mundo.

Com tal espectro cosmopolita, as meditações italianas descentralizam seus argumentos, tomando-os por uma rede contaminada de distinções. Essa contaminação positiva, conforme Esposito (2016), gera, no âmbito filosófico, uma repercussão enfática capaz de conduzir uma genealogia até a origem do problema e de atualizá-lo. Seria a partir desse influxo que outra característica adentraria a formulação do pensamento italiano: os elementos da contemporaneidade. A maioria dos pensadores cuja perspectiva parte da verve italiana tem como ponto de discussão a relação com o contemporâneo. O contemporâneo é uma correspondência com o próprio tempo por meio de uma dissociação e de um anacronismo (AGAMBEN, 2009). Por essa correspondência, temas e problemas são tratados no universo italiano entremeio à discussão de um contexto presente. Ocorre que, levando isso ao ponto de coalização com a imanência cosmopolita, o movimento de reflexão se esbarra, na maioria das vezes, no confronto presente da práxis política. Parece-nos que a vértebra dos autores italianos não só aduz à imanência, mas nela, em

seu feixe oculto, persevera na exposição da dimensão do conflito no espaço prático (ESPOSITO, 2016). Pode-se dizer que esse é o movimento do “fora” (*fuori*) na reflexão italiana contemporânea, em que o conflito adentra o universo para ser um meandro de convergências e divergências entre política, história e vida. Essa peculiar marca ressalta como e quão importante o conflito e o antagonismo são essenciais à estrutura do pensamento ítalo e de sua geoexpansão pelo mundo.

Por meio dessa característica, que ao mesmo tempo recorta e aproxima o contemporâneo do conflito, surge a observação de que o pensamento italiano está em constante deslocamento. Colocado sempre em ato, em atividade e atualização, o pensamento espreita as tensões históricas pré-modernas e estende-se até o presente, fortalecendo sua condição aguda de problematizar a dialética poder-resistência dentro do contexto histórico (ESPOSITO, 2016). Importa conceber, nesse sentido, como a relação entre o contemporâneo e a dimensão prática vai constituindo um horizonte político na dimensão filosófica a ponto de fazê-la grafar uma marca de proximidade com a historicidade dos acontecimentos. Os acontecimentos conferem a práxis real da imanência, mas não conseguem produzir reflexões acuradas por si sobre aquela expressão; a Filosofia, por sua vez, capta com profundidade aquilo que está interno aos fatos e que escapam em relação aos conceitos. Problematizar os conceitos, ao passo que os aplicam à realidade imanente, conduz a Filosofia, ao menos o pensamento italiano, a uma leitura crítica de seu presente e a uma atualização necessária dos conceitos.

Persistindo por essa via, Esposito tem como limiar uma aposta dupla para caracterizar o pensamento italiano: primeiramente, seguindo o espectro de Heidegger e sua recepção por Derrida e Deleuze, Esposito concebe como o pensamento caminha criticamente desconstruindo as estruturas e as relações conceituais. Mas esse emprego metodológico conduz a um limite, segundo o qual, para o pensador italiano, nem Heidegger nem Derrida conseguiram ultrapassar. Deleuze foi o único pensador a romper com a atmosfera do limite – ele foi além e abriu espaço para uma questão performativa do pensamento. O limite, segundo a exposição de Esposito sobre Deleuze, pode ser compreendido por seu avesso, ou melhor, pode ser interpretado como

uma proposta mútua de desconstruir e de afirmar um pensamento nômade. No ensaio *Che cos'è la filosofia?* (2018), a hipótese do autor italiano converge com seus demais escritos: não basta assimilar a desconstrução e a genealogia para referendar o paradigma; é necessário ultrapassar esse estatuto e produzir um novo meandro de reflexão (ESPOSITO, 2018). Conforme Esposito, uma das características certas do pensamento italiano é sua forma crítica de permear o debate sem se esquecer de, minimamente, apontar possíveis reveses àquilo que é evidenciado.

A evidência do pensamento italiano persiste nessa esfera. Ao adentrar os poros conceituais, busca-se confrontá-los com a história e com os conceitos aprisionados em suas vértebras (GENTILI; STIMILLI, 2015). Essa forma precisa de problematizar o conceito ou o tema imprime a validade da condição híbrida da corrente italiana. A forma pela qual se examina um problema filosófico a partir da verve italiana pode ser captada sempre a partir de um filão inicial que insere a questão, pretendendo perceber onde está o conflito e de que maneira é possível examiná-lo, sem a tentativa de aniquilá-lo. Para cumprir essa tarefa, o meio híbrido do pensamento italiano concede leituras cruzadas a partir de perspectivas cosmopolitas. O enfrentamento de um ou de vários problemas se efetiva pelas vias da Filosofia tomada como um campo de saberes amplos e não reduzidos. É comum, nesse sentido, a apropriação e a modificação dos termos e conceitos de outras correntes para uma tensão do ponto de vista ítalo.

Para Calabrò (2012), a possibilidade de um pensamento italiano faz-se hermeneuticamente diagonal entre a política, a história e a vida, na medida em que assume, em seu ato de filosofar, condições semelhantes para examinar seus objetos de pesquisa. Na coletânea *Effetto Italian Thought* (2017), essas características do pensamento italiano são lançadas de maneira contundente: em torno da tríade listada por Esposito e reconduzida acima por Calabrò, o pensamento italiano apresenta como características a imanência, o cosmopolitismo, a investigação híbrida, a exposição da origem como ponto de insurgência e de tematização do conflito, a exposição crítica do presente como processo de atualização, a postura genealógica e a constituição

de possíveis linhas de fuga para caracterizar o pensamento a partir de uma dinâmica afirmativa.

Considerações finais

Tentamos mostrar, neste texto, como o filósofo italiano Roberto Esposito estabelece algumas características assumidas como signos do pensamento italiano. Insistindo na geofilosofia da qual partem Deleuze e Guattari, Esposito organizou seus argumentos de maneira a evidenciar que o pensamento italiano, e não a Filosofia italiana, tem em seu germe uma inquietação própria que amalgama política, história e vida. Esses três nexos, conforme o pensador, são desenvolvidos dentro da esfera italiana, de modo que, aparentemente, segundo a tese de seu autor, todos aqueles que se debruçam sobre a verve italiana parecem trilhar. Política, história e vida constituem a tríade dos problemas para os primeiros filósofos italianos (Maquiavel, Vico e Bruno) e também para os pensadores mais contemporâneos (Tronti, Negri, Cacciari). O elo constitutivo entre condição tripla é assumido por meio da investigação daquilo que Esposito atribuiu à imanentização do antagonismo, à historicização do não histórico e à mundanização do sujeito. Assumir o conflito como um problema importante para a esfera do debate, sem querer aniquilá-lo, como também compreender a história por meio de uma distância, ao passo que apercebe o sujeito em um contexto vital do mundo, prefigura a tese de Esposito de que o pensamento italiano se produz sempre na e pelas tensões.

As tensões da política, da história e da vida assumem contrastes fecundos no exercício filosófico. Em relação ao pensamento italiano, a problematização de seus conceitos e temas, que tangenciam a tríade exposta acima, organiza-se de maneira peculiar: sistematicamente, para mostrar o tamanho e a profundidade das questões tratadas, as reflexões filosóficas quase sempre retornam à gênese do debate. Em uma espécie de genealogia, perceber a origem ou o princípio é essencial para listar como e por que o debate proposto assume certas configurações. Remontando, por isso, a estágios

pré-modernos e antiguíssimos, as leituras italianas expõem as ramificações dos problemas até o ponto assumido como essencial. Tão logo, a chegada a esse ponto parece abrir outro caminho importante: a atualização do estado do problema e suas correlações com o tempo presente. Não basta, afirma Esposito, entender a dimensão do problema dentro da marcha histórica; é importante trazê-lo à luz de enigmas ainda mais densos e conflituosos. Essa postura metódica acentua outras características: o pensamento da imanência, a forma nômade de exercer-se e a posição híbrida em que se encontra. Para Esposito, chama a atenção como as discussões italianas, sejam elas políticas ou metafísicas, conduzem as críticas ao limiar da imanência. A imanência, o espaço do conflito e das tensões, abre concavidades importantes para entender o problema em sua dimensão mais próxima. Por isso, até mesmo as sérias e difíceis questões ontológicas ou metafísicas sinalizam a uma proximidade teórica com as riscas imanentes. Ainda, pensa Esposito, a forma de entender o debate insere o pensamento italiano em uma esteira nômade e híbrida. Sem a necessidade de um território estático e da pureza do pensamento, assinala o autor que a corrente italiana se move pelo deslocamento de outras correntes e, portanto, pela atualidade de conceitos que, na força da reflexão, estão sempre vivos e mutáveis à luz daquilo que encontra em seu caminho.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o Contemporâneo? *In*: AGAMBEN, Giorgio. *O que é o Contemporâneo? e outros ensaios*. Tradutor Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

CALABRÒ, Daniela. *Les détours d'une pensée vivante*. Transitions et changement de paradigme dans la réflexion de Roberto Esposito. Mimesis: Paris, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Éditions du Minuit, 1991.

ESPOSITO, Roberto. *Da fuori*. Uma filosofia per l'Europa. Torino: Einaudi, 2016.

ESPOSITO, Roberto. *Pensiero vivente*. Origini e attualità della filosofia italiana. Torino: Einaudi, 2010.

ESPOSITO, Roberto. *Termini della politica*. Vol. 2. Milano: Mimesis, 2018.

GARIN, Eugenio. *La cultura del Rinascimento*. Milano: Saggiatore, 2012.

GENTILI, Dario. *Italian Theory: Dall'operaismo alla biopolitica*. Bolonha: Il Mulino, 2012b.

GENTILI, Dario. The Autonomy of the Political in the Italian Tradition. In: GENTILI, Dario. *The Autonomy of the Political: Concept, Theory, Form*. Maastricht: Jan Van Eyck Academie, 2012a.

GENTILI, Dario; STIMILLI, Eletra. *Differenze italiane*. Politica e filosofia, mappe e sconfinamenti. Roma: Derive Approdi, 2015

HARDT, Michael. Introduction: Laboratory Italy. In: VIRNO, Paolo; HARDT, Michael (Orgs.). *Radical Thought in Italy*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

HEIDEGGER, Martin. *Was ist das – die Philosophie?* Pfullingen: Neske, 1966.